

A ANALÍTICA HEIDEGGERIANA DA EXISTÊNCIA EM “SER E TEMPO”

Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá

(Programa de Pós-Graduação em Estudos da Subjetividade
Dep. de Psicologia UFF)

Em sua obra *Ser e Tempo*, de 1927, Heidegger (1989, 1990) designa como *Dasein* (Ser-aí) a este ente que nós mesmos somos e que, diferentemente dos entes que não têm o modo de ser do homem, não possui uma essência positiva determinada a priori, antes, o que ele é, seu ser, está sempre em jogo no seu existir. O projeto de *Ser e Tempo* tem como tarefa inicial de uma ontologia geral a “analítica do *Dasein*” (*Daseinsanalyse*), isto é, a explicitação das estruturas existenciais do *Dasein*. Essa analítica segue uma conduta fenomenológica, o que significa buscar o acesso ao que se mostra a partir de si mesmo, e hermenêutica, já que a descrição fenomenológica é sempre elaboração de sentido, interpretação. Ela é denominada de ontologia fundamental, pois elabora as condições de possibilidade de qualquer investigação ontológica. Neste sentido, a analítica do *Dasein* pretende ser a dimensão primordial da hermenêutica, da qual deriva qualquer hermenêutica particular das ciências humanas.

A expressão “ser-no-mundo” nomeia a unidade estrutural ontológica do *Dasein*. A análise desta estrutura nos remete aos três momentos constitutivos da totalidade deste fenômeno: a idéia de mundanidade do mundo, o modo de ser-com e ser-próprio que se revelam de início como a impessoalidade cotidiana e o ser-em como tal, cuja estrutura se desdobra em compreensão e disposição.

A mundanidade

O *Dasein* é “mundano”, cooriginário ao “mundo”, diferenciando-se dos entes simplesmente dados, “intramundanos”, mas destituídos de mundo. Por exemplo, pedras e árvores estão no mundo, mas não têm mundo, isto é, não são aberturas de sentido, não se podendo dizer deles que “existem”¹. Mundo é estrutura de sentido, contexto de significação, linguagem, sempre historicamente em movimento.

O ente que é segundo o modo de “ser-no-mundo”, não é encerrado em si mesmo, numa interioridade psíquica, estando sempre num contexto relacional. Ainda que esteja no isolamento, é “ser-com”, co-presença. É nesse ser-no-mundo-com-os-outros que aparece o sentido como desvelamento dos entes que lhe vêm ao encontro. A palavra “cuidado” (*Sorge*) é usada para expressar a característica

ontológica do *Dasein* de estar sempre referido a outro ente. O modo das relações com os “entes cujo modo de ser é simplesmente dado” (*Vorhandenheit*)² foi denominado por Heidegger de “ocupação” (*Besorgen*) e o modo das relações com os entes dotados do seu próprio modo de ser de “preocupação” (*Fürsorge*).

O modo mais imediato do *Dasein* se relacionar com os outros entes se dá sempre através da ocupação no manuseio e uso, subordinados ao “ser-para” dos instrumentos, ou seja, está sempre referido a um contexto de significância, mundo, em que predomina o uso ou utilidade. Entretanto, justamente quando a referência instrumental é perturbada por algum obstáculo, ou seja, quando o instrumento falha, anuncia-se “mundo”. É a partir dos imprevistos que o *Dasein* é lançado numa perspectiva em que aquilo cujo sentido era simplesmente dado revela-se como dependente de uma tessitura mais ampla e complexa de sentido, o mundo.

O cotidiano impessoal

Existir é um fato. O *Dasein* já está sempre lançado no mundo; encontra-se, ao nascer, em um determinado corpo e envolvido por determinadas condições como, por exemplo, o local em que nasceu, seus familiares, etc. A “facticidade”, o caráter de ser como é, do *Dasein*, dispersa em múltiplas possibilidades de ser o ser-no-mundo, porém, a existência é um projeto (*Entwurf*), no qual a compreensão (*Verstehen*), enquanto estrutura originária do *Dasein*, possibilita certas orientações de movimentos, um espaço de poder-ser. A cada modo de existir, corresponde uma significação possível do mundo. O *Dasein* enquanto projeto é, simultaneamente, o projeto de seu mundo.

Ao falar em “projeto”, Heidegger refere-se ao sentido temporal de projeção do *Dasein*. No estar lançado ele precede a si mesmo, ou seja, a partir da pré-compreensão na qual desde sempre está inserido (seu horizonte de sentido), projetam-se suas múltiplas possibilidades de realização. Pode-se dizer, portanto, que a vida é um projeto, porque partimos de um estar lançado, numa pré-compreensão, para nos projetarmos em algumas possibilidades e não em outras, e podemos estar sempre desvelando novas possibilidades. O que o *Dasein* está sendo, nunca é sua totalidade, mas a

¹ A expressão “existência” é utilizada por Heidegger para designar apenas o modo específico de ser do homem.

² HAND = mão + VOR = diante de, no sentido espacial e temporal.

realização de possibilidades que ainda não haviam sido desveladas.

Sendo um fenomenólogo, Heidegger não inicia a análise do *Dasein* a partir de alguma situação ideal na qual ele supostamente revelaria suas maiores virtudes, antes, está interessado no seu modo de ser cotidiano mais comum. É na “indiferença mediana”, “impessoal”, que se encontra, de início e na maior parte das vezes, o existir. Há uma tendência para o “encobrimento”, isto é, o *Dasein* foge de si, esquecendo-se do seu “ser próprio”, relacionando-se com ele como algo que já possui uma configuração preestabelecida. A ausência de surpresas e a evidência caracterizam a preocupação e a ocupação cotidianas. O modo de falar e escrever descomprometido (falatório e escritório), a forma despersonalizada e insaciável de lidar com o novo para preservar o conhecido evitando as transformações (curiosidade), expressam o modo de ser desta cotidianidade mediana do *Dasein*.

É esta compreensão “mediana” que, quase sempre, dita e regula suas possibilidades de ser, dispensando de realizar, de modo próprio e pessoal, o desvelamento do sentido dos entes a partir da experiência de sua alteridade irreduzível. Sob o domínio da decadência, o *Dasein* se esquece de sua estrutura básica de interrogar e ao não se abrir para o mostrar-se dos fenômenos, cria uma opacidade que encobre e distorce o desvelamento das possibilidades de sentido de si mesmo e dos entes que lhe vêm ao encontro no mundo. De início e na maior parte das vezes, toma-se por um ente cujo modo de ser já estivesse previamente dado, não atualizando suas possibilidades existenciárias³ mais singulares.

Tanto o modo de ser da “propriedade” como o da “impropriedade” são possibilidades constitutivas do *Dasein*. Não se passa de um modo de ser impessoal e impróprio para um outro pessoal e próprio de modo definitivo, como se fosse um desenvolvimento evolutivo da personalidade. O *Dasein* em qualquer um desses modos nunca deixa de comportar o outro enquanto possibilidade.

Compreensão e disposição

Ser-em, não diz respeito a uma relação espacial de dois entes extensos, nem tampouco à relação entre sujeito e objeto. O “em” significa que o *Dasein* e o mundo são coexistentes. O ser é junto ao mundo, isto é, encontra-se, concretamente, como já sendo assim e já sendo no mundo. O *Dasein* é sua abertura e as dimensões essenciais dessa abertura são denominadas por Heidegger como “compreensão” (*Verstehen*) e “disposição” (*Befindlichkeit*).

A clássica definição: “o homem é um ser dotado de logos”, pode ser substituída, seguindo-se a linha de pensamento de Heidegger, por: “o homem é um ser dotado

de mãos”. A “manualidade” é uma relação de instrumentalidade, de uso, de sentidos. O sentido (ser) das coisas só vem à tona a partir de um fazer que é guiado por uma compreensão. Isto significa que a compreensão, modo de acesso aos entes, é produto de uma prática, da ocupação. Da mesma forma, podemos dizer: “O homem é um ser que fala”. A linguagem é o que introduz o *Dasein* no “ser”, na revelação de sentido das coisas, na compreensão, no mundo. Podemos dizer que a linguagem é co-originária ao homem, e não posterior a ele, pois ela é a estrutura fundamental da abertura que lhe constitui o ser.

Para Heidegger, a percepção e a interpretação, nos sentidos usuais, são posteriores à compreensão; seriam a explicitação de uma compreensão prévia que se tem das coisas. Estas aparecem a partir do modo como são compreendidas. Em última análise, o sentido do ser revela-se a partir do horizonte da compreensão do ser. Tal abertura compreensiva não é algo afetivamente neutro, que se restringe ao âmbito intelectual. Toda compreensão já é sempre dotada de uma “coloração” afetiva, de um “humor” ou “disposição” (*Befindlichkeit*). Disposição e compreensão constituem o modo de ser da abertura.

Mesmo o *Dasein* sendo, fundamentalmente, abertura de sentido do ser dos entes, em seu modo cotidiano e mediano de ser, tende, de início e na maior parte das vezes, ao fechamento. Ao circunscrever-se num horizonte de instrumentalidade, toma o sentido de si mesmo e dos outros entes como simplesmente dado. Quando um instrumento não funciona, torna-se coisa, revela a possibilidade de outros sentidos e, também, a não naturalidade e a ausência de um fundamento absoluto e seguro para a estrutura de sentido em que ele, antes, parecia ser algo dado para além de qualquer espanto. Rompe-se o “mundo” (todo estruturado de significância), surge a angústia frente ao nada, frente à falta de sentido, “vazio” de significação. A angústia é a “disposição compreensiva” na qual o *Dasein* está aberto para si mesmo, para seu ser-no-mundo. A angústia revela, portanto, o poder-ser mais próprio, a pura abertura de significações, retirando o *Dasein* de sua decadência por romper com a familiaridade cotidiana. Surge, então, o “estranhamento” que faz com que os entes não mais apareçam como simplesmente dados e, conseqüentemente, a responsabilidade, até então “esquecida”, de assumir a liberdade de poder-ser em sua singularidade própria.

Ser-para-a-morte

Tendo analisado o *Dasein* em seu modo de ser cotidiano, tal como se encontra de início e na maior parte das vezes, Heidegger prossegue sua analítica, na segunda parte

³ O termo “existenciário” refere-se à dimensão ôntica do existir, em contraste com o termo “existencial”, que se refere à dimensão ontológica.

de Ser e Tempo, buscando agora desvelar as possibilidades mais próprias e autênticas desse ente. Como, na interpretação ontológica, a totalidade do fenômeno precisa ser levada a sua posição prévia, fazia-se ainda necessária essa investigação do ser-no-mundo em seu modo mais próprio.

Devido a sua característica fundamental de poder-ser, o Dasein resiste a uma apreensão total, já que deve, em podendo ser, ainda não ser algo. Enquanto é um ente, o Dasein jamais alcança sua totalidade, permanecendo em constante inconclusão. O ser-inacabado do Dasein revela uma pendência, um ainda-não, diferente, por exemplo, do “ainda não estar cheia da lua”, pois, como projeto, o Dasein nunca está acabado, sempre existem outras formas de poder-ser a serem desveladas e, entre elas, acha-se o fim de seu ser-no-mundo, isto é, a morte. Ela pertence ao pendente, sendo o seu limite e o que determina a totalidade de possibilidades do Dasein.

Portanto, apreender o Dasein como um todo é um empreendimento que requer o esclarecimento do fenômeno da morte entendida de forma ontológica como o seu poder-ser mais próprio. Enquanto existe, o *Dasein* é ser-para-a-morte. Desde que nascemos já está implícita em nossa existência, a qualquer momento, esta possibilidade. Porém, há uma dificuldade ôntica de fazer a experiência ontológica do ser-para-a-morte. Não temos acesso a perda ontológica sofrida por quem morre, no máximo estamos apenas junto. São duas experiências diferentes: uma delas é sofrermos no modo da preocupação reverencial pelo outro, o que é possível somente por sermos essencialmente com-o-outro; outra é experienciarmos o nosso próprio ser-para-a-morte. Na maior parte das vezes, o caráter de ser-para-a-morte do *Dasein* permanece numa pré-compreensão não explicitada:

“... o 'saber' ou 'não saber', que, de fato, sempre vigora em cada presença, a respeito do ser-para-o-fim mais próprio, é apenas a expressão da possibilidade existenciária de se manter nesse modo de ser. O fato de, inicialmente e na maior parte das vezes, muitos não saberem da morte não pode ser aduzido como prova de que o ser-para-a-morte não pertence 'universalmente' à presença. Esse fato apenas demonstra que, de início e na maior parte das vezes, a presença, em fugindo, encobre para si mesma o ser-para-a-morte mais próprio.” (Heidegger, 1990, p.33)

Nos referimos anteriormente à angústia como a disposição que leva à possibilidade de singularização, por colocar o *Dasein* em contato com o seu ser mais próprio, que é a existência enquanto abertura de sentido. Sendo o ser-para-a-morte, a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável do homem enquanto projeto, pode-se dizer que toda angústia é, em última instância, angústia da morte.

A morte é a possibilidade extrema que antecede todo o poder-ser de fato do *Dasein*; ou seja, o *Dasein* é para-a-morte, sempre já foi, pois já se antecipou para ela desde o seu

primeiro suspiro de vida. Porém, o *Dasein* se esquece que existe projetando-se, compreendendo-se antecipadamente e a partir de suas possibilidades e, assim, perde-se nos ruídos ambíguos do falatório. Neste contexto, a morte é encarada como um fenômeno do qual é preciso desviar-se, pois o *Dasein* deseja fugir da angústia perante a possibilidade de não-ser-mais-no-mundo. Mas, é somente experienciando essa angústia frente ao nada que o *Dasein* pode escolher-se a si mesmo, encontrar o que tem de mais próprio e singular para além das estruturas do mundo impessoal.

Em nossa compreensão genérica do modo de ser público, a morte aparece no discurso impessoal do falatório como “morre-se”. São os “homens em geral” que morrem “algum dia”. Apesar de não haver dúvida em relação ao fato de que somos mortais, o modo de certeza que possuímos frente ao ser-para-a-morte é o do “convencimento”, ou seja, necessitamos testemunhar a morte dos outros para poder admiti-la, mas esta certeza empírica nunca será decisiva para a experiência do ser-para-o-fim próprio.

A questão da morte ameaça continuamente o *Dasein* cotidiano e, para escapar da sua indeterminação, preenchemos nosso existir com ocupações previsíveis e falsas urgências. De início e na maior parte das vezes, o *Dasein* encontra-se mergulhado na decadência e experiencia a morte no modo de ser do “esperar” que, sendo impróprio, traduz a morte enquanto dado que transcorre num tempo também dado. A espera é o modo de relação que o temor estabelece com o que se supõe ser o mal vindouro.

A tendência cotidiana em fugir da angústia da morte encobre o ser-para-a-morte mais próprio. O projeto existencial de um ser-para-a-morte em sentido próprio deve, portanto, elaborar os momentos desse ser que o constituem como compreensão da morte, no sentido de um ser para a possibilidade caracterizada, que nem foge e nem encobre.

É somente “antecipando” que o *Dasein* desentranha a possibilidade de ser-para-a-morte enquanto modo próprio de ser-no-mundo, em que sempre está em jogo o seu existir, e, desta forma, volta-se para suas possibilidades mais próprias, determinadas a partir de sua finitude, desvencilhando-se do impessoal.

O poder-ser em sentido próprio

A possibilidade mais própria, como já vimos, não pode ser remetida a outro ente, sendo necessário que o *Dasein* permita a si mesmo a possibilidade de antecipação e que assumo o seu próprio ser a partir de si e para si mesmo. Ao buscar seu poder-ser mais próprio, o *Dasein* precisa decidir, isto é, recuperar sua escolha mais própria, já que esta se encontra perdida no impessoal, não tematizada. Portanto, o *Dasein* deve, inicialmente, se encontrar, mostrar-se a si mesmo em sua impessoalidade e impropriedade.

Há sempre, durante o existir do *Dasein* no mundo,

um chamamento para o poder-ser-mais-próprio, é o que a compreensão comum chama de “voz da consciência” e que Heidegger denomina de “clamor”. Ter consciência de suas escolhas significa, então, recuperar seu projeto. Essa “convocação” escapa de qualquer determinação, rompe com a linguagem do cotidiano já que o seu discurso é silencioso e abre o poder-ser como singularidade de cada *Dasein*, não oferecendo, portanto nenhuma interpretação universal. Posto que o *Dasein* está lançado no mundo, o poder-ser que o constitui e que o projeta numa possibilidade, implica em abrir mão de outras possibilidades, desta forma, o clamor clama esse limite existencial, que precisa ser assumido para que exercitemos a nossa liberdade, convocando-nos ao poder-ser mais próprio.

Assim, o clamor interpela o *Dasein* como “estando em débito”. Esse “estar em débito”, porém, que faz parte do ser do *Dasein*, acaba tendo seu significado deturpado pela interpretação cotidiana que o vê como dívida ou culpa, que também são modos de ser, porém impróprios. Logo, o “estar em débito” é uma possibilidade existencial que pode ocorrer de modo próprio ou impróprio. É somente no fenômeno da “de-cisão antecipadora” que o *Dasein* consegue responder ao apelo da consciência, já que, se projeta para as possibilidades mais próprias, escolhendo a si mesmo, tendo a angústia como disposição compreensiva que convida a tal movimento.

Heidegger (1990, p. 91) define “de-cisão” como “... projetar-se silencioso e prestes a angustiar-se para o ser e estar em débito mais próprio” e, neste sentido, a verdade própria do *Dasein* seria alcançada na antecipação da morte, já que esta é a possibilidade de existência mais extrema, apontando o limite ontológico de um ser finito. É a iminência deste “fim” que totaliza o *Dasein*.

A de-cisão antecipadora é a resposta dada ao fenômeno do clamor da consciência. A decisão indica um ser-si-mesmo em sentido próprio, uma escolha que não é movida por uma vontade subjetiva arbitrária, nem está relacionada ao certo ou errado, mas à escuta do clamor da consciência. Para tanto, é preciso silenciar os ruídos do falatório que dispersam o *Dasein* no domínio do mundo impessoal. É somente na compreensão do ser-para-a-morte que a totalidade do *Dasein* se torna totalidade transparente, posto que, experienciando a finitude, o *Dasein* pode dissipar todo encobrimento de si mesmo e lançar-se nas suas possibilidades mais singulares, modificando o seu cenário existencial.

Análítica do *Dasein* e a psicoterapia

A psicoterapia tem como objetivo geral a tematização e apropriação reflexiva do “projeto” do cliente por ele próprio. Num “distúrbio” psicológico, podemos dizer que ocorre uma restrição, em maior ou menor grau, da

abertura ao sentido. As questões trazidas para a terapia decorrem de um aprisionamento em identificações com possibilidades de “ser” que se tornaram rígidas, unilaterais, impedindo uma atualização singular da liberdade de correspondência ao apelo do sentido a ser revelado na existência e aumentando o sentimento de “débito” que se funda no “cuidado”. Em geral, este sentimento é experienciado de modo impróprio e bastante distanciado da dimensão que lhe é mais diretamente pertinente.

A “escuta” e as “intervenções”, que se realizam na terapia, buscam suscitar questionamentos que possibilitem a abertura a outras possibilidades de ser. Como já foi visto anteriormente, a compreensão que temos de nós mesmos é marcada, cotidianamente, pela impessoalidade do mundo impessoal, porém, através do espaço psicoterápico, podemos ampliar nosso horizonte de compreensão, pois, na dimensão de sentido designada por Heidegger de “ser-com-o-outro” é possível a tematização, a elaboração e a antecipação de nossas possibilidades mais próprias de ser.

A condição de possibilidade desta tematização e antecipação de sentido, no contexto psicoterápico, é o próprio ser do *Dasein* enquanto cuidado. Em todas as relações em que se encontra, o *Dasein* é a abertura que permite o desvelamento de sentido dos entes que lhe vêm ao encontro no mundo. Na preocupação, isto é, nas relações com os entes que tem o seu modo de ser (os existentes), o *Dasein* pode ocultar o sentido próprio do outro, substituindo-o na sua liberdade e responsabilidade, ao impor-lhe um sentido impessoal, ainda que de modo dissimulado e muitas vezes parecendo fazer justamente o contrário; ou pode, ainda, devolver ao outro essa dimensão livre e responsável, propondo-lhe a antecipação de suas possibilidades próprias.

Dado que o *Dasein* já se orienta sempre numa pré-compreensão e numa disposição, a compreensão terapêutica nunca se limita a uma mera questão de enfoque teórico. Pretender apreender o sentido dos fenômenos suprimindo todos os pressupostos demonstra, para Heidegger, um desconhecimento do compreender humano. Ele não considera possível prescindir das pre-concepções que o nosso horizonte de compreensão nos impõe, mas nos aponta para a necessidade de nos darmos conta de que, na maior parte das vezes, estamos instalados cegamente naquelas que são impessoais.

O acesso aos fenômenos requer que se evite a tendência de se deixar conduzir por caminhos já moldados, oriundos da necessidade que temos de pressupor. Todo compreender e interpretar estão sempre condicionados, previamente, por uma “situação hermenêutica” (contexto, ponto de vista e aparelho conceitual prévios) que precisa ser analisada para que não fiquemos cada vez mais limitados pela tendência da medianidade cotidiana de impessoalizar e

nivelar o sentido do *Dasein* pelo “todo-mundo”. A compreensão cotidiana e mediana (aí incluídas tanto as perspectivas do senso comum, quanto as naturalizações científicas), embora constitutiva do *Dasein*, é encobridora do fenômeno da existência enquanto tal.

Uma interpretação questionadora pode levar à transformação de toda uma estrutura de significância, iluminando outros aspectos dos entes que nos vêm ao encontro. Pode-se concluir que qualquer transformação do *Dasein* implica uma transformação do mundo. Poder surpreender-se, interrogar-se a respeito da própria situação existencial, do evidente e do óbvio, leva o *Dasein* a abrir-se para o seu “poder-ser” singular, pois a autenticidade do *Dasein* é um possível ser-ele-mesmo, concretamente realizado no seu próprio existir.

As questões suscitadas por Heidegger não são tão inéditas quanto seu jargão filosófico, em *Ser e Tempo*, pode sugerir. Ele não pretendeu responder ao enigma do “ser”, mas, resgatar a dignidade de uma questão que a tradição legou ao esquecimento, a questão sobre o sentido do ser. Embora não tenha pretendido elaborar nenhum tipo de antropologia ou, muito menos, psicologia, ele tinha a convicção de que seu questionamento filosófico poderia ter algum valor terapêutico, como prova o seu interesse e o longo intercâmbio com o trabalho do psiquiatra suíço Medard Boss. (cf. Heidegger, 1987).

Referências bibliográficas:

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Partes I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

_____. *Ser e Tempo*. Parte II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.